

O TDAH e o Processo de Aprendizagem Escolar

El TDAH y el Proceso de Aprendizaje Escolar

The ADHD end the School Learning Process

Ivy Elida Guimarães Sales¹

Resumo

O presente trabalho versa sobre a relação da educação escolar com o diagnóstico do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade - TDAH, e a influência do meio social com o processo de aprendizagem do indivíduo que apresenta o transtorno. O desenvolvimento da compreensão desse transtorno e o direcionamento do olhar para o processo de aprendizagem é realizado a partir do levantamento bibliográfico sobre pesquisas do âmbito da educação, psicologia e humanidades. Desse modo este escrito se compromete a construir um entendimento sobre o TDAH e as dificuldades de aprendizagem dos indivíduos que apresentam o transtorno, considerando que o bom processo de aprendizagem das pessoas com TDAH está vinculado a influência do meio social.

Palavras-chave: TDAH. Educação. Aprendizagem.

Abstract

The present work deals with the relationship between school education and the diagnosis of Attention Deficit Hyperactivity Disorder - ADHD, and the influence of the social environment with the learning process of the individual with the disorder. The development of the comprehension of this disorder and the directing of the gaze to the learning process is accomplished from the bibliographical survey about researches in the field of education, psychology and humanities. Thus this writing commits to build an understanding about ADHD and the learning difficulties of individuals with the disorder, considering that the good learning process of people with ADHD is linked to the influence of the social environment.

Keywords: ADHD. Education. Learning.

¹ Secretaria Municipal de Educação de Boa Vista – Roraima. Pedagoga, Especialista em Educação Especial I Inclusiva. Formação em Psicologia pela Universidade Federal de Roraima, Brasil. ivyelida@gmail.com

1 Introdução

Este trabalho versa sobre o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e suas implicações no percurso educacional. Tendo como vertente estudos da área de educação, psicologia e humanidades, a proposta é promover uma análise que permita a compreensão do processo de aprendizagem e dos desafios enfrentados pelos educandos, para com isso os educadores permear sua prática por um espaço mais envolvente e promover a inclusão no espaço escolar, sobretudo para a educação infantil, pois é nesse momento que o indivíduo começa a ter as primeiras experiências na educação formal.

Para tanto, pensar o desenvolvimento cognitivo como a aquisição de conhecimento, permite rever que a aprendizagem não é resultado da maturação biológica ou de um esforço pessoal, ela é a junção desses, um processo contínuo resultado da interação com ambiente no qual a criança está inserida e também do movimento dessa nas relações e interações, sendo, portanto, um movimento social e físico.

As crianças aprendem a partir da interação com os adultos e com as crianças mais experientes, como explica Lakomy (2014, p.13), sendo, portanto, intrínseco as relações sociais e o ambiente sociocultural desse indivíduo na sua construção como sujeito. Desse modo, pensar um indivíduo com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade implica na busca por transformar as necessidades do indivíduo em uma forma ativa na construção do sujeito, promovendo a inclusão desse nos espaços sociais.

2 O TDAH

De acordo com Bonadio et al (2013, p. 31), as pesquisas voltadas para o que hoje conceitua-se de TDAH iniciaram há mais de cem anos, mas a partir da década de 1960 teve início a associação de hiperatividade à síndrome pontuando. Essa síndrome, até então denominada de Síndrome Hipercinética, foi introduzida na Classificação Internacional das Doenças – CID 9, logo, iniciava nesse momento um direcionamento e problematização da hiperatividade.

No ano de 1962, a universidade de Oxford, na Inglaterra, realizou um simpósio propondo alcançar um consenso entre os profissionais para a utilização de um termo universal, o que facilitaria o diagnóstico. O termo que estava em vigor nesse período era: Lesão Cerebral Mínima (LCM), mas foi definido como Disfunção Cerebral Mínima (DCM). Nesse viés um pesquisador brasileiro chamado Antônio Lefevre, desenvolvia pesquisas sobre DCM.

Lefèvre (1976) ganha destaque ao desenvolver o Exame Neurológico Evolutivo (ENE), que envolve a aplicação de provas relativas aos exames da Fala, Equilíbrio Estático, Equilíbrio Dinâmico, Coordenação Apendicular, Coordenação Tronco-Membros, Sincinesias, Persistência Motora, Tono Muscular, Motricidade Reflexa e Sensibilidade, cujo objetivo era estabelecer os padrões normais das várias

funções neurológicas da criança dos três aos sete anos de idade, faixa etária considerada pelo autor como período propício à adoção de medidas profiláticas, evitando-se ou reduzindo-se o surgimento de problemas escolares próprios da DCM (Bonadio et al., 2013, p. 32).

O Exame Neurológico Evolutivo contribui para o avanço das pesquisas sobre o TDAH, o que levou a outra mudança de termo na década de 80 “(...), o termo DCM é alterado pelo DSM-III, para Distúrbio do Déficit de Atenção, o qual evidencia como sintomas principais o déficit de atenção e a impulsividade ou falta de controle” e em 1994 o termo Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade começa a ser utilizado (Bonadio et al, 2013,p.33). Dessa maneira, utiliza-se tanto os sintomas de desatenção como os de hiperatividade/impulsividade para se obter um diagnóstico.

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade é, conforme Amorin (2017), “uma síndrome (conjunto de sintomas) caracterizada por distração, agitação/ hiperatividade, impulsividade, esquecimento, desorganização, adiamento crônico, entre outras.” Portanto, o TDAH não se configura uma doença, logo não se busca uma cura. É uma síndrome neuro-comportamental que possui três categorias de sintomas: hiperatividade, impulsividade e desatenção (Rotta, 2016), e atualmente é considerado um problema de saúde pública que se apresenta em diferentes faixas etárias e causa inúmeros problemas na vida do indivíduo, tanto no âmbito individual como social.

Portanto, pensar o processo de aprendizagem e os problemas de aprendizagem escolar nos leva a observar a relação do TDAH com o desenvolvimento do indivíduo ao longo da vida.

3 O TDAH e o Processo de Aprendizagem do Indivíduo

Da alimentação aos primeiros passos, o ser humano apresenta aspectos biológicos e culturais que não podem ser separados. A fome, por exemplo, e a expressão dela pode vir no choro da criança, porém, a forma de se alimentar e os horários, são atitudes que vão sendo regulados a partir de características culturais. No caso da aprendizagem, as dificuldades são encontradas e superadas quando existe um esforço para remodelar o que é exigido no processo de aprendizagem e na educação escolar, a qual faz parte de o modelo pré-estabelecido pela cultura; o indivíduo se constitui não por ele mesmo, o indivíduo se forma a partir de sua cultura e das relações sociais², como afirma Rogoff (2005).

Para uma criança andar, falar, ou qualquer outra ação, vai depender de fatores sociais, econômicos, culturais. As ações que um ser humano realiza, o ato de andar, por exemplo, pode ser mais tardio para uns ou até mais cedo para outros e nesse ponto podemos ver como a cultura tece a vida da pessoa³. Logo, o desenvolvimento humano, sendo físico e cultural, não se apresenta como uma fronteira facilmente delimitada, tão pouco definida de maneira geral em todas as culturas, ou melhor em todos os grupos culturais.

2 Cultura como um conceito desenvolvido ao longo dos debates antropológicos.

3 Conceito antropológico

Nesse viés, compreender o desenvolvimento humano em seus vários aspectos, é necessário, pois cada indivíduo existe porque sua consciência o identifica como uma pessoa que se encontra em um espaço tempo, essa existência do indivíduo resulta das relações sociais e das determinantes físico-biológicas. Portanto, o indivíduo portador do TDAH reage diante do mundo de acordo com os estímulos socioculturais que ele vivência, porém com mais impulsividade, tendo em vista que ações simples podem causar grandes emoções. Desse modo, é necessário recorrer aos mais diversos recursos que possibilitem um desenvolvimento do indivíduo portador e para que o processo de aprendizagem não seja comprometido.

Sobre aprendizagem, evidencia-se uma relação entre especialidades (saúde e educação) mostrando que existe uma relação de interesse para o que se estabelece como uma aprendizagem normal, conforme explica Riesgo (2016). Compreendendo que o processo de aprendizagem utiliza partes diferentes do cérebro dependendo da atividade, o TDAH como uma síndrome, ou seja, como algo orgânico, causa repercussões no plano social e comportamental do indivíduo. Esse processo de aprendizagem pode ser observado concomitante ao desenvolvimento físico-biológico e assim identifica-se a relação com idades e certos comportamentos, porém, é necessário explicitar que não são momentos exatos, mas períodos aproximados que representam as etapas de desenvolvimento. Rotta (2016, p.275) aponta para a relação entre a dificuldade de aprendizagem e o transtorno de atenção como sendo um dos principais fatores que levam as crianças ao neuropediatra. A autora explicita que a síndrome parte de multifatores, sendo assim, não compreende um gene responsável pelo TDAH, mas sim vários genes com efeitos diferenciados que associados geram a propensão ao quadro, além disso, existem, aliados aos fatores genéticos os ambientais.

Ao lado dos fatores genéticos, existem atores exógenos ou ambientais que existem com o primeiro. Os fatores ambientais ou exógenos podem ser divididos em pré, peri e pós-natais. Esses mesmos atores podem levar a alterações lesionais ou funcionais do sistema nervoso central (SNC). No caso do TDAH, são destacadas as alterações funcionais. (Rotta, 2016, p.277).

Nessa compreensão, pensar o diagnóstico do TDAH inclui fundamentar esse no quadro clínico comportamental pois não existe uma exatidão biológica que determine a Síndrome no indivíduo. Portanto, diagnosticar o Transtorno de Deficit de Atenção e Hiperatividade geralmente está associado ao observar o desempenho da criança na escola. Quanto ao diagnóstico em pessoas adultas, esse se volta para um esmiuçar do comportamento na infância. Rotta (2016, p.279) afirma quanto ao diagnóstico, que:

[...], é importante fazer uma abordagem que considere as comorbidades, as condições psicossociais, os transtornos comportamentais e psiquiátrico, as alterações cognitivas e de aprendizado, que podem ser responsáveis parcial ou totalmente pelos sintomas.

E após feito o diagnóstico, explicita-se a necessidade de apresentar que esse é um problema crônico, logo não se busca uma cura, mas uma ação que proporcione uma reorganização para que se chegue a um “comportamento funcional satisfatório”. Quanto ao tratamento, é indicado o uso medicamentos à base de metilfenidato que é um psicoestimulante.

Portanto, o processo de aprendizagem das crianças com TDAH ocorre da mesma forma que em qualquer outro indivíduo, porém existe fatores que levam essa criança a se distraírem com maior facilidade, sendo nesse ponto a necessidade de estratégias que envolvam o educando nas atividades escolares. O processo de aprendizagem das crianças com déficit e hiperatividade deve se voltar para o estímulo cognitivo. Logo, a aprendizagem implica três níveis de integridade:

As Funções psicodinâmicas - à medida que o organismo internaliza o observado ou o experienciado, começa a assimilar hierarquicamente, pelos processos psíquicos, devendo, portanto, existir controle e integridade psicoemocional para que ocorra a aprendizagem; Funções do sistema nervoso periférico - responsáveis pelos receptores sensoriais, que são canais principais para aprendizagem simbólica. Uma subcarga sensorial implicaria em privação do cérebro de estimulação básica, para o crescimento e amadurecimento dos processos psicológicos; Funções do sistema nervoso central - responsável pelo armazenamento, elaboração e processamento da informação, resultante da resposta apropriada do organismo (Paula, 2006, p. 227).

E, pensar o processo de aprendizagem também implica pensar o desenvolvimento cognitivo e emocional do indivíduo. Sobre isso, estudos atuais na área de neurociência e neuropsicologia vêm aprofundando as investigações neurobiológicas junto as teorias comportamentais.

Para tanto, podemos compreender que as pesquisas neuropsicológicas, no Brasil, de acordo Mendonça; Zambuja (2014), tem sua gênese nas pesquisas desenvolvidas por Antônio Branco Lefevre (médico e psicólogo de formação) durante os anos 50. O pesquisador desenvolveu estudos considerados uma ponte entre neurologia e psicologia, que foram evoluindo até chegar na década de 70, momento em que as investigações em neuropsicologia ganharam força, pois foram criados dois grupos de estudos e um Programa de Pós- graduação em “Atividade Nervosa Superior”; oferecidos pela Universidade de São Paulo -USP. Raul Marino Júnior, um neurocirurgião, concluiu alguns estudos em epilepsia e sistema límbico, no Canadá, e ao retornar para o Brasil criou “Divisão de Neurocirurgia Funcional”.

Sendo assim, na ocasião existiam duas vertentes de estudos: a primeira segue o caminho da neurologia e a segunda, da psiquiatria. Desse modo, “Enquanto ambos estudavam as funções cognitivas, o grupo do Instituto de Psiquiatria estabelecia um elo com os aspectos emocionais e comportamentais” (p.410). Esses direcionamentos de interesses é a reflexão

do caráter multidisciplinar que acompanha os estudos de neuropsicologia. Os interesses de pesquisa estão pautados em saber cada vez mais sobre o funcionamento do cérebro, as ações e reações que ocorrem de acordo com os estímulos.

Para que existisse o avanço dessas pesquisas, o desenvolvimento tecnológico foi e é imprescindível, pois tornou possível observar a anatomia e a fisiologia cerebral, levando o pesquisador a obter uma investigação mais precisa por meio de uma visão mais ampla do cérebro, tendo em vista a interdependência entre as funções e a participação de certas áreas.

Os estudos mais recentes mostram grande eficácia e importância das terapias neuropsicológicas, apontando que os resultados são visíveis, porém, existem barreiras com relação a idade. Além disso, estudos relacionados à emoção e cognição esclarecem questões sobre o compartilhamento de ações e emoções.

Esse conhecimento tem observado os neurônios-espelho, que, supostamente, têm importância para o desenvolvimento da cognição social, pois “Observar a emoção ou a dor alheia causa uma reação “em espelho” em nós mesmos, por vezes produzindo a mesma expressão facial ou postura do corpo (p.419). No que compreende as questões morais e éticas, aos comportamentos ligados a essas áreas são afetadas por causas de determinadas lesões e a depender da idade, podem desenvolver sequelas que mesmo sendo da mesma concentração podem ser de intensidade diferente, pois adultos podem preservar os conhecimentos já adquiridos, o que não isenta de razões típicas das sequelas; “Lesões pré-frontais mediais e orbitárias, especialmente à direita, afetam o julgamento moral (sociopata adquirida)”(p.420). Essas pesquisas auxiliam a compreensão e atuação profissional no comportamento das crianças e jovens.

Além desse interesse, a neurociência se articula com os estudos filosóficos, denominado de Neurofilosofia, esse caminho de investigação e reflexão se interessa pelas pesquisas que buscam compreender a relação cérebro-mente, compreendidos como neurocientistas da consciência, esses estudiosos adentram a investigação sobre a relação da experiência conscientemente adquirida, a qual é registrada na memória e gera a noção do “eu” pessoal, com suas relações grupais (p.422).

Em meio a todas pesquisas já desenvolvidas e as que estão em andamento, o desenvolvimento da neuropsicologia no Brasil é um resultado dos esforços iniciais, que foram de imensurável valia para o que encontramos atualmente. Nesse contexto, o avanço desde 1970, destacando o ano de 1988 onde ocorreu a criação da Sociedade Brasileira de Neuropsicologia, apresenta o espaço que esses estudos foram ganhando em todo o Brasil e sobretudo no campo da psicologia direcionado para o desenvolvimento e aprendizagem.

4 Considerações Finais

Sendo o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH, uma síndrome que

envolve fatores biológicos vinculados a fatores ambientais. As pessoas com essa síndrome apresentam desde a infância características que dificultam a concentração, isso não significa que o indivíduo seja incapaz de aprender, mas torna-se necessário mecanismos que estimulem o controle e atenção para que o processo de aprendizagem se vincule a um fim.

Quanto a identificação, diagnóstico e tratamento, os profissionais envolvidos necessitam de uma constatação reverberação quanto a compreensão do TDAH e as necessidades de atenção do indivíduo com a síndrome, sobretudo as crianças em idade escolar. Os profissionais da educação, pois é nesse ambiente que se encontra as maiores dificuldades das crianças, de maneira que essas podem sofrer ainda mais se não alcançam as exigências escolares, são de grande importância para a identificação de que a criança precisa de ajuda.

O profissional da saúde que entra em um segundo momento, após as queixas e observações que em muitos casos podem já ter gerado traumas, problemas de autoestima e sentimento de incapacidade não carregam a responsabilidade diária de proporcionar um ambiente que envolva esse indivíduo suprimindo a necessidade dele, no entanto pode proporcionar mecanismos de ação e medicamentos que tornam mais favoráveis as atividades de aprendizagem de alguém com TDAH, seja por meio de medicamentos ou mesmo de exercícios dependendo da necessidade e diagnóstico.

Portanto, os profissionais da educação e da saúde estão próximos nos casos de TDAH, mostrando a necessidade da procura de tratamento e da ação e conhecimentos dos profissionais da educação para o desenvolvimento da aprendizagem do indivíduo.

Referências

- Amorim, Cacilda. O que é TDAH - Déficit de Atenção e Hiperatividade. Instituto Paulista de Déficit de Atenção. Disponível em: <https://dda-deficitdeatencao.com.br/oquee/>. Acesso em: 16 de Novembro, 2017.
- Bonadio, Rosana Aparecida Albuquerque; Mori, Nerli Nonato Ribeiro; Padilha, Anna Maria Lunardi. (2013). Transtorno de déficit de atenção / hiperatividade: diagnóstico da prática pedagógica. – Maringá : Eduem.
- Bourdieu, Pierre. (2006). O camponês e seu corpo. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, 26, p. 83-92, jun. 2006
- Descola, Philippe. (2006). 'Beyond Nature and Culture', Proceedings of the British Academy, volume 139, pp. 137-155.
- Bridi Filho, César Augusto; Bridi, Fabiane Romano de Souza. (2006). Sobre o aprender e suas relações: interfaces entre neurologia, psicologia e psicopedagogia. In: Neurologia e aprendizagem : abordagem multidisciplinar [recurso eletrônico] / Organizadores, Newra Tellechea Rotta, César Augusto Bridi Filho, Fabiane Romano de Souza Bridi. – Porto Alegre : Artmed, e-PUB.

- Lakomy, Ana Maria. (2014). Teorias cognitivas da aprendizagem [livro eletrônico]. Curitiba: Intersaberes. (Serié Construção Histórica da Educação).
- Mendonça, Lucia Iracema Zanotto de; Azambuja, Deborah. (2010). Neuropsicologia no Brasil In: Neuropsicologia: teoria e prática. [recurso eletrônico]. Organizadores, Daniel Fuentes ... [et al.]. – 2. ed..Porto Alegre: Artmed.
- Munari, Alberto. (2010). Jean Piaget. Tradução e organização: Daniele Saheb. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 156 p.: il. – (Coleção Educadores).
- Pinto, A. C. (2001). Memória, cognição e educação: Implicações mútuas. In B. Detry e F. Simas (Eds.), Educação, cognição e desenvolvimento: Textos de psicologia educacional para a formação de professores (pp. 17-54). Lisboa: Edinova]. Faculdade de Psicologia, Universidade do Porto, R. Campo Alegre, 1055, 4169-004 Porto, Portugal. Estudo realizado no âmbito do Projecto FCT, nº 113/94.
- Paula, Giovana Romero et al. (2006). Neuropsicologia da aprendizagem. Rev. psicopedag. São Paulo , v. 23, n. 72, p. 224-231. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862006000300006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 nov. 2018
- Totta, Newra Tellechea; Ohlweier, Lygia. Riesgo, Rudimar dos Santos. (2006). Transtorno de Aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar. [recurso eletrônico], 2ª ed. – Porto Alegre, Artmed.
- Rogoff, B. (2005). A Natureza Cultural do Desenvolvimento Humano. Porto Alegre: Artmed.
- Seabra, Silvia Lorenzoni Perim; Rossetti, Claudia Broetto. (2006). Aspectos cognitivos e morais do desenvolvimento infantil: investigação por meio de um conto de fadas em versão multimídia. Constr. psicopedag. São Paulo, v. 24, n. 25, p. 133-148, 2016 Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542016000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 01 nov. 2018.
- Tabile, Ariete Fröhlich; Jacometo, Marisa Claudia Durante. (2017). Fatores influenciadores no processo de aprendizagem: um estudo de caso. Rev. psicopedag. São Paulo, v. 34, n. 103, p. 75-86. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862017000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 06 nov. 2018